





## FICHA TÉCNICA

### **Título**

Prosa & Verso IV — *Água*

### **Edição**

Escola Superior de Educação e Ciências Sociais  
*Politécnico de Leiria*

### **Coordenação**

Paula Cristina Ferreira  
Cristina Nobre

### **Capa e Projeto Gráfico**

João Pinheiro

### **ISBN**

978-989-8797-85-8

### **Depósito Legal**

507036/22

### **Impressão e Acabamento**

Relgráfica, Artes Gráficas, Lda

### **Tiragem**

250 exemplares

—

Novembro 2022

*Leiria*







## Prosa & Verso IV

*Água*



## ÍNDICE

### 15 Prefácio

#### Textos em Prosa

##### ESCALÃO 4 – ALUMNI

- 21 Utopia Cíclica – Idália Bento (1.º Prémio)  
26 O Salto – Bernardo Pereira (Menção Honrosa)

#### Textos em Verso

##### ESCALÃO 1 – ESTUDANTES

- 32 Fizeste do Meu Corpo Mar – Mariana Costa (1.º Prémio)  
34 Sou Água – Mariana Costa (1.º Prémio)  
38 Fluidez sentimental – Pedro Cunha (2.º Prémio)  
39 Estrada da Vida – Augusto Carruço (2.º Prémio)  
41 A água em nós – Marta Marques (3.º Prémio)  
44 Olhar de Mar – Beatriz dos Santos (Menção Honrosa)  
45 Sou como água – Marta Marques (Menção Honrosa)

##### ESCALÃO 2 – PESSOAL DOCENTE

- 48 Chorando Letras – Lídia Simão (1.º Prémio)  
49 Chuva – Lídia Simão (Menção Honrosa)

##### ESCALÃO 3 – PESSOAL TÉCNICO E ADMINISTRATIVO

- 52 [a foz dos teus braços] – André Fonseca (1.º Prémio)  
54 [nascentes poluídas] – André Fonseca (2.º Prémio)

#### ESCALÃO 4 – ALUMNI

- 56 [entre duas ondas] – Andreia Marques (1.º Prémio)  
58 Água... – Natália Pereira (2.º Prémio)  
60 [mergulha em mim] – Andreia Marques (2.º Prémio)  
61 A gotinha de água – Natália Pereira (3.º Prémio)  
64 Água – Cheila Roça (Menção Honrosa)

“O líquido começou a brotar em maior  
quantidade o perfume intensificou-se.  
A alegria também.”

Pepetela - Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos  
In *A montanha da água lilás* (2009)

Gonçalo Caetano, 2019





## Prefácio

A arte enquanto forma de expressão humana assume uma importância de enorme significado para a sociedade. É através da arte que o Homem exprime a sua visão relativamente a um determinado assunto ou contexto, transmitindo os seus sentimentos e retratando o modo como vê e como sente. A água, uma molécula simples composta por 2 átomos de hidrogénio e 1 átomo de oxigénio, foi, é e será determinante para a vida no Planeta Terra. Tal importância foi amplamente reconhecida na presente Antologia, a qual integra trabalhos de 14 autores – estudantes, docentes, pessoal administrativo e *alumni* do Politécnico de Leiria. As diferentes formas, os diferentes textos, conseguem na plenitude sensibilizar o leitor para a importância da água, criando afetos e contribuindo para alterar comportamentos. Num contexto de alterações climáticas, com impactos diretos na gestão dos recursos hídricos, a presente obra é um contributo de enorme relevância para a sensibilização de toda a sociedade para aspetos relacionados com a proteção dos recursos hídricos. Por último, uma palavra de reconhecimento a todas as pessoas envolvidas. Pelo trabalho desenvolvido, pela enorme qualidade associada, e por colocarem a arte ao serviço da sociedade.

Sérgio Miguel Leandro

*Diretor da Escola Superior de Turismo e*

*Tecnologia do Mar (Peniche) – Politécnico de Leiria*



## TEXTOS EM PROSA

Gonçalo Caetano, 2019





## ESCALÃO 4 — ALUMNI

### Utopia Cíclica

*Idália Bento (1.º Prémio)*

*Alumni da ESECS*

Há muitos e longos, no tempo em que no planeta Terra havia animais das mais diferentes espécies, existia uma que era muito especial. Esta tinha uma forma bastante curiosa. Os seus contornos eram comparados a uma aminose que se transformava a cada novo ciclo. Se porventura alguém ousava chegar perto de si, subitamente e de modo repentino essa fisionomia, como por encanto, abria-se como se fosse um portal mágico. O espaço onde esta se encontrava era único, visto que só saberia descrevê-lo aquele que por acaso se aventurasse em aproximar-se de tal lugar.

Numa bela manhã de outono, essa forma especial decidiu que já não queria permanecer naquele lugar; segundo dizia estava farta e cansada de estar sempre no mesmo sítio. Se rápido o pensou, mais rápido o decidiu. Então resolveu que tinha chegado o momento de descobrir novos horizontes, novos lugares, por isso partiu em busca de uma nova aventura. Desse modo, colocou dentro de uma sacola todos os artigos de higiene necessários à sua higiene íntima e pessoal, bem como o seu perfume predileto, para a eventualidade de cruzar no seu caminho alguém que com ela tivesse uma maior peculiaridade relacional. Antes de dar início à tão prezada viagem, decidiu que deveria recolher-se em si mesma, para que pudesse ganhar novas forças e quem sabe o agouro da sua mais profunda intuição. Mas, rendida pelos seus pensamentos e desejos mais secretos, não se apercebeu que à sua volta algo excêntrico lhe aconte-

cia. Seres invulgares e abundantemente estranhos aproximavam-se do lugar onde esta se encontrava. Estes sujeitos, subjugados pela curiosidade, acercaram-se desta, gerando entre si mesmos o que mais parecia ser uma circunferência perfeitamente delimitada sob contornos sutilmente definidos. A linha que contornava a superfície curvilínea era composta pela interceptação luminosa que compunha a opacidade dos corpos, contrastado pela florescência endógena que era peculiar a cada um dos seres.

- *Esopo!* Falava Cinderela em tom suave, quando Esopo interveio dizendo:

- *Sim, eu compreendo que os teus ideais sejam deveras honrados, mas na incerteza dos propósitos desta nossa irmã, julgo que será mais seguro aguardarmos até nossos procedimentos.*

- *Mas, Esopo, eu julgo que será....* Continuou Cinderela. Mas Esopo, nem deu tempo que esta avançasse, em que prosseguiu:

- *Cinderela, minha querida, tanta bondade e compreensão em teu coração, no entanto recordas-te da última vez que confiaste e te deixaste levar pela tua própria emoção?*

Então, de olhar cabisbaixo, Cinderela lembrou esse momento passado com enorme tristeza, onde sentimentos de melancolia e apreensão invadiam seu coração benevolente. Mas Psiquê interveio em favor da sua mais que tudo irmã, e sob o silêncio do seu olhar fixou-a, como a querer dizer que esta serenasse, que no momento certo Esopo a compreenderia tanto quanto ela compreendia sua querida irmã. Nesse momento só o silêncio se sentia, e ouvia entre os três. O amor entre ambos sobrepunha-se a todos os desentendimentos que pudessem surgir, por isso num segundo, de olhos

fechados, permaneceram por tempo indefinido, os seus corpos imobilizados exibiam um forte sentimento de paz, e isso era visível pela coloração variantemente translúcida que emanavam. Dos seus pensamentos, em uníssonos, um fio de prata se movia em forma de espiral, em que no seu término esses fios se encontravam e se expandiam por todo o universo libertando à sua passagem fluidos orbiculares indefinidamente subteis. Todo o espaço onde se encontravam alcançava uma aparência nunca antes vista. No mesmo instante, do céu caíam gotinhas de água cristalina que se desalinham, ao tocar tudo quanto se encontrava em desequilíbrio.

No entanto, após esta conexão, esses pontos que anteriormente se achavam em desproporção, agora se alteravam ao conectar com as gotinhas de água cristalina: camadas geológicas, fogo, água, camadas inferiores, substâncias minerais, camadas terrosas, despojos vegetais e animais, camada granítica, ar, seres vivos do reino animal e vegetal, e vegetação colossal se acoplam entre si mesmos formando um ângulo polar, o fluido cósmico universal.

Nesse instante, a forma especial que se encontrava em estado de eterização, sente o seu corpo ser arrastado por esse ciclo hidrológico, o ciclo biogeoquímico: evapotranspiração, precipitação, condensação, infiltração, transpiração, sublimação, absorção e movimentação. Aqui, seu corpo fortemente se amplifica expandido como uma espiga doirada, em que a sua cabeça forma lagos que se multiplicam pelas mais diversas áreas à face da terra. O seu pescoço cruza planícies e vales que infiltram, e se dispersam por entre montes e montanhas. Os seus braços tão elegantes se estendem como rios infinitos que abraçam a longas distâncias. O tronco vultoso é semelhante a uma grande extensão de massa líquida, em que esta flui a uma velocidade vertiginosa, no qual os membros inferiores

entram em grande convulsão formando em si mesmos transtornos e cataclismos de origem natural. Na sua constituição orgânica, somente dois elementos se agregam, o H<sub>2</sub>O.

Nesta aventura, os três seres invulgares e abundantemente estranhos e a forma especial despertam e de olhos maravilhados se contemplaram dizendo:

*-Que sonho tão real!*



Gonçalo Caetano, 2019

## O salto

*Bernardo Pereira (Menção Honrosa)*

*Alumni da ESTG*

Ó rio que corres parado, para onde vais?

Com a tua leveza constante mudas sem mudar, paulatinamente, nesse teu compasso divinal.

Eu? Ahhhh... eu fico imóvel na tua margem, deleitando-me com a tua beleza, amarrado a este imenso desejo de em ti mergulhar.

É o medo que me planta nesta margem, que da tua água se alimenta, mas que em ti ainda não se dissolveu. Sinto que permanecer aqui tem os dias contados. O compasso da tua erosão anuncia a minha queda, esta que tanto temo.

Ahhh, como quero em mim limpar o que só a tua água me permitirá!

As rochas que em ti prevejo prendem-me à margem. Aqui permaneço, escavando insaciavelmente à procura da humilde humidade, esta que, vinda do rio, nos meus pés se vai entranhando no descompasso da minha busca.

Velho Sábio, por onde andas?

Mostra-me que este é o meu caminho, arrebatada a minha impura incerteza. Quero o meu salto de fé. Ahh, como anseio em ti mergulhar de coração, ousar cair numa pedra, com a cega certeza de que lá estarás para me amparar a queda.

Diz-me! Para onde devo saltar? Preciso da luz da tua sabedoria, preciso do teu abraço infinito.

*Não estarei já eu no rio, completamente ensopado sem me dar conta?*

Velho sábio, mantém-me acordado agora que ainda mal consigo abrir os olhos.

Escavar cansa, sabes? A humidade que trago em mim é pouca comparada com a imensidão da tua água. Não morre a minha sede! Não quero escavar mais!

Desejo que a tua corrente me leve e que, nas pedras do nosso caminho, deixe esculpida a história da minha vida.

**Gonçalo Caetano, 2019**





## TEXTOS EM VERSO

ESCALÃO 1 – ESTUDANTES

**Fizeste do meu corpo mar**

*Mariana Costa (1.º Prémio)*

Estudante da ESSLei

Fizeste do meu corpo mar,  
Quando reconheci, nos teus lábios, o desejo da nossa espuma  
consumida,]  
Quando as ondas do meu corpo velejaram em ti, plenas de vida,  
E ao teu doce toque, fui sal.  
Fizeste do meu corpo mar.  
(E agora,  
O que resta agora, afinal?)

Encontrei palavras perdidas, em garrafas de areia e vento.  
Mergulhei dentro de quadras, versos e rimas,  
Respirei-os num fôlego de alento.  
Fui barulho, fui sossego.  
Contigo, fui caos na maresia.  
Sim, fizeste do meu corpo mar.  
E eu?  
Eu escrevi-te poesia.

Aliciada pelo bálsamo do teu abraço, fui concha, fui água fresca.  
Calor, paixão e vida.  
E tu, depois de a ti me render com a maré, foste repulsa, foste  
sede.]  
Dor, desilusão e pele fria.

Fui despertar de sentidos, universo de pureza,  
Fui infinito horizonte, outrora força da natureza.  
Musa, plenitude, essência.  
Cativante, fui sedutora voz de sereia.  
Vi-me, então, só, castelo em ruínas,  
Quebrada pelo tempo cru, em pó,  
E esmorecida na letárgica areia.

Fizeste do meu corpo mar.  
Agora, naufragada em desalmadas ilusões e retalhos de esperanças,  
] Sozinha, fria e esquecida, fiquei.  
Afundei-me em fragmentos de promessas de paixões, vãs lembranças,  
] E nas memórias dos efêmeros beijos, que nunca troquei.

Mergulho, assim, neste corpo vazio, finito, pleno de nadas e anedonia.  
] Sinto-me frugal represa, dique retido,  
Sou agora barragem marginal contida,  
Quando, em tempos, fui espuma.  
Fui maresia.  
Fui sal.

Sim. Fizeste do meu corpo mar,  
Um dia.  
(E o que resta,  
O que resta agora, afinal?)

[Resto eu. Eu e a poesia]

## Sou água

*Mariana Costa (1.º Prémio)*

Estudante da ESSLei

Sou água.

Sou nascente, sou rio, afluyente.

Da união de corpos, tenho sede ávida.

Escondida pela chuva, sou lágrima.

Sou orvalho. Sou miúda. Pequenina.

Neblina salgada que de sonhos se aglutina.

Sou onda. Sou represa. Gigante.

Sou cascata marcante.

Sim. Carrego em mim a paixão de um temporal possante.

[E tu, onde estás?]

Dentro do riacho do meu corpo nu,

De sangue de ninfa sentido, tufão de sonhos,

Vesti-me de maresia quente,

Pintei-me de oceano faminto,

Arrancando a pele crua, em mim saliente.

Abraçada ao fulgor de cada precipitação,

Chorei o ardor de cada gota em mim, para nascer turbilhão.

E tu?

Não te vejo, não te sinto. Não te encontro.

[Não te procuro. Já não.]

Na minha leveza que flui,

Sou corrente que puxa desejos.

Sou beijos roubados sob aguaceiros.

Sou intempérie de vida.  
Sou calma, sou guarida.  
Sou barragem de palavras de alma, que está prestes a rebentar.  
E, na inquietação do vendaval, sossegadamente, tento te encontrar.  
[trar.]  
Mas percebi, por fim, nesta torrente de mar e sal,  
Que só preciso de mim, só me quero a mim, para navegar.

[Não te encontro, porque não te procuro].

Descobri, finalmente,  
Na tormenta disputada entre coração, alma e mente,  
Que a outra parte de mim  
Sou eu.  
Eu.  
E eu não sou água, lenta e mole, que simplesmente cai.  
De mares irados, sou espuma que corrói.  
Plena de vida, sou tempestade que destrói.  
Sou ímpeto de poema líquido que alivia e reconstrói.  
Eu.  
Encontrei.  
Na raiz da ondulação, no cerne do furacão,  
Encontrei-me.  
Mas... não era eu que estava perdida,  
Pois não?

Gonçalo Caetano, 2019



## Fluidez Sentimental

*Pedro Cunha (2.º Prémio)*

Estudante da ESTG

Em rios e mares procuro aquilo que nunca tive...  
E conversando com cada onda que observo  
Entendo a irregularidade que carrego em cada sentimento.  
Que tanto me traz guerra como paz.

E em cada som emitido pelas águas  
Chegam-me lindos versos declamados por ninfas  
Ensinando-me a força das palavras  
Que tanto se assemelha a potestade marítima.

O mar ensinou-me o valor da força  
Da resiliência e da persistência  
Mas foram os rios que me deram o que nunca tive...

Aquilo que venho procurando  
No curso destes exaustivos versos,  
A calma.

## Estrada da vida

*Augusto Carruço (2.º Prémio)*

Estudante da ESECS

O corpo é palco singelo da vida  
Lugar misterioso de conforto e nostalgia,  
Bandeja com fermento de festa e bravura.  
É nas ruas do corpo que circula a vida  
Como estradas com horizontes de candura.

Viver é sinergia, é movimento,  
Como o vento que sopra na crista da onda,  
É amar e deixar-se amar  
É onda que mergulha para o amor encontrar.

O diálogo é profícuo entre a espuma e o mar  
Estética insaciável do desejo e da paixão,  
É o amo num lençol bordado pela água do mar  
Quiçá à espera de um abraço na praia-mar.

O corpo é tábua onde se inscrevem sinais  
Nele se faz a leitura de uma vida,  
É a identidade semiológica da idade.  
O rosto quantifica o tempo que passa,  
As mãos são memória do passado

As marcas não se apagam com o vento  
Nem a água limpa os registos do tempo,  
Há que entender a nossa existência

E olhar para a quimera da essência.

Há paragens na estrada da vida  
Mas não há sinais para entrar ou sair  
Nem há desafios ou lamúrias  
Tão só, etapas para cumprir.

A água lava as mágoas da incerteza  
E leva o húmus da nossa existência.  
O silêncio cala a vida em desnorte  
Mas não cala a água que brota  
Porque ela é vida não é morte.

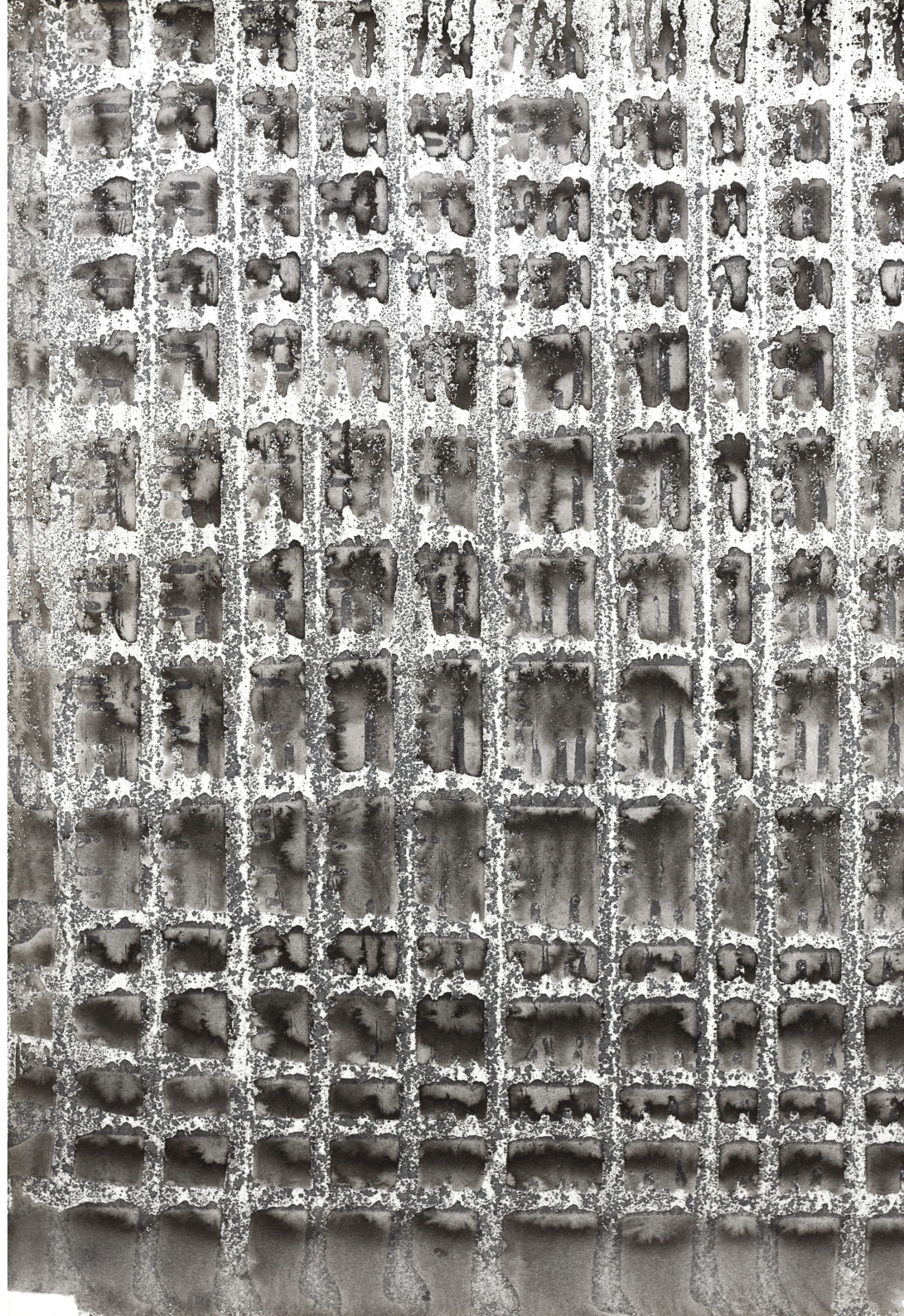
## A água em nós

*Marta Marques (3.º Prémio)*

Estudante da ESECS

Sou flor  
E tu és água.  
Água essa que me rega  
E alivia a dor,  
Ao mesmo tempo que me faz  
Esquecer a mágoa.  
Estamos tão bem um para o outro...  
A combinação perfeita  
Entre beleza e rebeldia.  
Fazes-me desabrochar  
No som da melodia  
Que é o derramar da água.  
Mas é assim que nós somos.  
Porque tu és água  
E eu flor.  
Obrigada, meu amor.

Gonçalo Caetano, 2019



## Olhar de mar

*Beatriz dos Santos (Menção Honrosa)*

Estudante da ESECS

Do fundo do oceano, vi-te o olhar  
Num beijo salpicante de sal marinho  
Cruzei-me contigo num mergulho  
Só assim consegui perceber que era bom amar  
Amar do convés à proa  
Amar do sol até à Lua  
Amar. Porque amar é viver e dar o braço a torcer  
É bom estar contigo à beira mar,  
Sentir a água nos calcanhares  
Beijar-me os pés, rasgar as ondas,  
A água... tão bela e tão desperdiçada. A água.  
Caminhar sobre a areia,  
Sentir o sol por cima de nós,  
Com óculos de sol, lá ao fundo no mar  
Vejo crianças a brincar, a chapinhar.  
Vem uma nostalgia. A de criança. Da infância.  
Mexia e mexia na água. Sentia-a por tudo que era canto do meu  
[corpo.]  
Era fresca e fria. Era pura e era alegria.  
Vêm de lá de longe as memórias.  
Hoje, fala-se na sua poluição. Notícias aqui e acolá.  
As respostas são poucas e o mar...  
Grande e mágico, que final terá?  
Será incrível? Será trágico?

## Sou como água

*Marta Marques (Menção Honrosa)*

Estudante da ESECS

Sento-me na praia a olhar  
Para a água na minha frente.  
As ondas dançam com a areia e,  
Nesta calma aparente,  
Uns turbilhões de pensamentos surgem.  
Sou como a água:  
Livre, calma e pura,  
Mas da minha boca palavras rugem.  
Sou como a água:  
Capaz de ser furacão  
E frescura.  
Eu sou assim. Esta sou eu.  
Não quereria ser mais nada  
Eu e a água somos um só.

**Alice Nicolau, 2018**



ESCALÃO 2 – DOCENTES

**Chorando letras**

*Lídia Simão (1.º Prémio)*

Docente da ESTG

De que serviria a vida sem as lágrimas doces da poesia,  
Sem a sonoridade, para lá dos ecos derrotados pela rotina,  
Abafada em muros de falsa solidão meio escondida,  
Com os minutos contados pela espera da morte anunciada!

Pobres almas, estas que desabafam nas palavras soltas,  
Como estátuas que não dançam, apesar da música ser a certa,  
E voam acima do horizonte dos versos, com asas de papel,  
Qual príncipe arrebatado, soluçando sem folgo por sua amada!

Tudo rodopia, tudo se conjuga apesar das lamúrias,  
Criando ritmo na cadência da escrita que derrota o cansaço,  
Ao desfazer os silêncios que cercam as noites caladas,  
Quando a inspiração desce à terra, qual chuva abençoada!

## Chuva

*Lidia Simão (Menção Honrosa)*

Docente da ESTG

Chuva são lágrimas que dos céus emanam,  
Qual cascata de sonhos em terra dispersa,  
Regando as folhas que o sol bronzeia,  
Ansiando pela frescura das raízes beijadas,  
Ao rodopiarem numa valsa que a terra abraça,  
Deliciando a vida, a cada segundo que passa!

E os pingos são risos que as nuvens libertam,  
Em rascunhos de água desenhados pelo tempo,  
Cantando versos que o vento bem embala,  
Nos lençóis que se agitam no leito dos rios,  
Sem que o relógio marque esperança alguma,  
Ainda que desperte vida, na vida que perfuma!

Gonçalo Caetano, 2019



ESCALÃO 3 – PESSOAL TÉCNICO ADMINISTRATIVO

[a foz dos teus braços]

*André Fonseca (1.º Prémio)*

Técnico Administrativo da ESTG

[a foz dos teus braços]  
Não  
haverá  
barragem  
que contenha  
o caudal que matou  
a sede à minha  
almofada. Mas  
na tua margem  
eu voltei a provar  
a água fresca da montanha  
e agora transbordo de tudo  
e de nada. E de alma lavada recordo  
as noites que perderam a pressa entre  
copos de whisky e dedos de conversa  
e silêncios cúmplices nas madrugadas  
interrompidas pelo coaxar das rãs a  
agitar a placidez das águas. Noites em que  
sarámos feridas. Afogámos mágoas. Removemos  
estilhaços. Colámos pedaços. Demo-nos um ao  
outro a beber. E agora bebido, rejuvenescido,  
sou água fresca a correr para a foz dos teus braços.



água

Gonçalo Caetano, 2019



Gonçalo Caetano, 2019

## [nascentes poluídas]

*André Fonseca (2.º Prémio)*

Técnico Administrativo da ESTG

Sente-se no ar o cheiro nauseabundo  
Das memórias adormecidas  
Que correm no rio imundo  
onde as minhas mãos deixaram tingidas  
As águas que dou de beber ao mundo.

Na desarmonia entre as intenções e os atos  
Somos todos nascentes poluídas  
Com a ilusão de ser prístinos regatos.

Somos caudal de intenções desmoronadas  
Sondando o caminho às escuras.  
Perseguiamos migalhas de luz espalhadas  
Mas vamos perdendo, na corrente, os sonhos de águas puras.

E aos olhos acostumados à escuridão  
Foi revelado na penumbra do manto que nos cobre  
Que a nossa nobre e humana condição  
Não é, afinal, assim tão nobre.

ESCALÃO 4 – ALUMNI

[entre duas ondas]

*Andreia Marques (1.º Prémio)*

*Alumni da ESTG*

Ele, tem barbas

En

Ca                    das

Ra    la

Co

pelo frio dos anos  
que teimaram em mingá-lo  
para dentro de si.

Metade alga,  
metade espuma.

Encontrei-o a espreitar entre duas ondas do mar.

Reparei primeiro no marulhar tímido, melódico  
e mágico  
do timbre arranhado e doce da sua voz.

Morava num corpo branco  
que há muitos

L  
u  
a  
r  
e s

se imiscuiu com o sal ácido das tempestades.  
Mas tem o olhar calmo de quem espera.  
De quem vê.

O peso de quem desistiu de nadar contra o vento.  
A imponência de uma lagoa antiga,  
estagnada  
e só.

A l q i e  
i u d z do sonho  
leva-o e trá-lo de volta com a maré.

Encontrei-o entre duas ondas, disse.

Mas  
Talvez  
ele me tenha encontrado a mim,  
a planar cansada perto da frescura da espuma das ondas.

Metade voo,  
metade que-

-da.

## Água...

*Natalia Pereira (2.º Prémio)*

*Alumni da ESECS*

## Água...

Corre ligeira no meu rosto  
Lágrimas insípidas, sem gosto  
As mãos se apressam a enxugar  
Para a tristeza não ter lugar!

## Água...

Lava-me os olhos, as mãos e a cara  
Preciosidade cada vez mais rara  
Simples gestos e rituais  
Que se tornaram tão banais!

## Água...

Sinto-a na minha pele nua  
No banho sobre a espuma que flutua  
Tendo como testemunha os azulejos  
De secretos prazeres e desejos!

## Água...

Bebo-a com sofreguidão  
Num dia quente de verão  
Flui suavemente na garganta  
Matando a sede que é tanta!

Água...

Olho-a através da vidraça

Molhando a multidão que passa

Pessoas fugindo sem parar

À procura de lugar para se abrigar!

Água...

Nela mergulho sem parar

No meio de ondas de tão belo mar

Eu deveria viver na areia

Para sempre como uma sereia!

Água...

Pura, limpa e cristalina

É o que penso desde menina

Tão preciosa como um diamante

No nosso planeta azul e brilhante!

[mergulha em mim]

*Andreia Marques (2.º Prémio)*

*Alumni da ESTG*

Mergulha  
em  
mim.

Escorrega os dedos para dentro desta corrente de água inquieta.  
Atravessa o reflexo espelho do que vês.  
Não sustenhas o ar, deixa-me entrar pela tua boca, pelo nariz,  
pela garganta.  
Encher-te os pulmões deste líquido translúcido e gélido.  
Faz-te peixe, alga, seixo.  
Faz-te coral, corrente, limo.  
Atravessa-me.  
Inteiro.  
Tu.  
Sente a frescura cortante da nascente.  
E o calor húmido do teu corpo inteiro dentro dela.  
Desagua e permanece.  
Abre os olhos e vê a superfície a afastar-se enquanto te afundas.  
Respira-me,  
morre,  
renasce.

## A gotinha de água

*Natalia Pereira (3.º Prémio)*

*Alumni da ESECS*

Uma gotinha de água vivia  
Num imenso e belo Oceano!  
Na sua tranquila melancolia  
Ver o sol era pura magia  
Dia após dia, ano após ano  
Quão grande e valioso plano!

Vidas simples as das gotinhas  
Que embelezam a água do mar!  
Onde se deleitam os banhistas  
Vivem pescadores e surfistas  
Os barcos passam a navegar  
Um paraíso para mergulhar!

Mas num dia quente e imperioso  
Algo iria para sempre mudar!  
Um raio de sol mais luminoso  
Colorido, brilhante e radioso  
Sobre a gotinha veio poisar  
Com tantas histórias para lhe contar!

Ela ouviu deliciada e radiante  
A sua vida pareceu-lhe um tormento!  
Também queria ser brilhante  
E com uma alegria esfuziante

Ganhou um novo alento  
Iria ter o seu momento!

Encheu-se de vaidade e sabedoria  
Parecia-lhe demasiado simples o mar!  
Ser apenas água, já não queria  
Só subir o mais alto que podia  
Ir ter com o sol maravilhoso  
Saber o que é ser famoso!

Preparou o seu dia de glória  
O filme, a festa e o enredo!  
Iria ser a sua história  
A mais bela que há memória  
Arriscou tudo e sem medo  
Desvendou o seu segredo!

Que belo traje ela vestiu  
Cheio de brilho e purpurinas  
Mas o sol ela não viu  
E foi triste o que se seguiu  
As nuvens e a neblina  
Taparam o sol à nossa menina!

E atacaram ferozmente  
A tempestade e a ventania!  
Já sem ter nada em mente  
Desceu vertiginosamente  
Sem forças sucumbiria

E a sua alma ficou vazia!

As gotinhas foram a sua “tábua”  
O mar acolheu-a sem amargura!  
Mesmo triste e com mágoa  
Voltaria a ser apenas ÁGUA  
Tão límpida, simples e pura  
Seria bálsamo e a sua cura!

Mas perdoem-me os poetas  
Os escritores sem compaixão!  
Não ganharão esses profetas  
Que não atingidas as metas  
Transformam a tristeza e desilusão  
Em morte ou solidão!

Tão tranquila como um caracol  
Vive entre a ânsia e a calma!  
Como se tivesse sido o seu farol  
A gotinha conheceu um raio de sol  
E da alegria desse maravilhoso dia  
Nunca mais se arrependeria!

## Água

*Cheila Roça (Menção Honrosa)*

*Alumni da ESECS*

Falar de água é:

Um tesouro sem comparação,

Uma eterna canção,

De urgente percepção.

Falar de água é:

Colocar o homem em ação,

Reconhecer sua criação,

E mudar hábitos para a próxima geração.

Falar de água é:

Reconhecer a urgência,

Da falta de coerência,

Da distribuição da riqueza.

Falar de água é:

Rever as prioridades,

Das nossas cidades

Para a manter pura para todas as idades.

Falar de água é:

Criar uma nova geração,

Com mais percepção,

Do tesouro que tem na mão.

Gonçalo Caetano, 2019



